

# Processos de Desumanização dos Ciganos em Sergipe

## Dehumanization processes of Gypsies in Sergipe

---

Mayara Rodrigues dos Santos<sup>1</sup>  
Marcus Eugênio Oliveira Lima<sup>2</sup>  
UFS

**Resumo:** A desumanização é resultado de atribuição de características negativas ou subumanas a um grupo de modo a excluí-lo. Ao longo da história, os ciganos têm sido alvo de preconceito e de perseguição. No Brasil, sofrem com a invisibilidade e a estereotipia negativa. Nesta pesquisa analisamos a desumanização dos ciganos em quatro cidades sergipanas. Participaram 300 pessoas não ciganas, 157 que moram perto de grupos ciganos fixos e 143 que moram longe. Foi utilizado um roteiro de entrevista estruturada. Os resultados revelam facilidade na expressão da desumanização dos ciganos: 67% das respostas eram flagrantemente negativas, havendo a presença de deslegitimação (“ciganos são ladrões”) e de animalização (“são bicho brabo”); e demarcada percepção de diferença entre ciganos e não-ciganos. Mesmo aqueles que moram perto mantêm uma série de estereótipos, mormente negativos, sobre os grupos ciganos. Os resultados são discutidos com base nas teorias sobre preconceito e estigmatização das minorias culturais.

**Palavras-chave:** ciganos; desumanização; estereótipos; exclusão social; preconceito.

**Abstract:** The dehumanization is resulted from attributing negative or subhuman characteristics to a group in order to exclude it. As history goes by, gypsies have been target of prejudice and persecution. In Brazil, they have invisible lives and are negatively stereotyped. In this research we analyze dehumanization of gypsies in four cities of Sergipe. 300 non-gypsies were interviewed, 157 who live near sedentary gypsies and 143 who live distant. A structured interview was used. The results reveal significant expression of dehumanization: 67% of the answers were blatantly negative; there was presence of delegitimization and animalization; and perception of difference between gypsies and non-gypsies. Even those who live near the gypsy groups kept stereotypes, mostly negative, about them. The results are discussed based on prejudice and cultural minority stigmatization theories.

---

<sup>1</sup> Graduada pela Universidade Federal de Sergipe (2011). Participou como bolsista PIBIC/CNPq (2008-2010) de pesquisas com ênfase em Psicologia Social, estereótipos e desumanização de grupos minoritários. Lattes de [Mayara dos Santos](#). E-mail: [rsantos.mayara@gmail.com](mailto:rsantos.mayara@gmail.com).

<sup>2</sup> Graduado em Psicologia pela Universidade Federal da Paraíba (1995), mestre em Psicologia (Psicologia Social) pela Universidade Federal da Paraíba (1997), sob a orientação do Professor Leoncio Camino. Doutor em Psicologia Social pelo Instituto Superior de Ciências do Trabalho e da Empresa em 2003 (ISCTE-PT), sob a orientação do Professor Jorge Vala. Pós-Doutorado no Instituto de Ciências Sociais da Universidade de Lisboa em 2011, sob a orientação do Prof. Jorge Vala. Atualmente é professor do Departamento e Mestrado de Psicologia da Universidade Federal de Sergipe. Desenvolve pesquisas no âmbito da psicologia social, com ênfase em Processos Grupais, Normas Sociais, Racismo e Infrumanização. Lattes de [Marcus Eugênio Lima](#). E-mail: [meolima@uol.com.br](mailto:meolima@uol.com.br).

**Keywords:** gypsies; dehumanization; stereotypes; social exclusion; prejudice.

## Introdução

Desde a Idade Média, os ciganos são alvo de marginalização, estereotipia negativa e extermínio na Europa (MOSCOVICI; PÉREZ, 1999; PÉREZ; ALONSO; FERRULO, 1999). Recentemente, em 2010, logo depois que a França tomou a polêmica medida de expulsar os ciganos romenos do seu território, Alemanha, Dinamarca, Itália e Suécia fizeram o mesmo sem que isso tivesse muita reverberação na mídia, criando um fenômeno apelidado de “coligação anti-migração cigana” na Europa (PEREIRA, 2010).

Na República Tcheca, em abril de 2009, uma menina cigana de dois anos teve 80% do seu corpo queimado durante um atentado neonazista. Foram jogados três coquetéis *Molotov* na casa em que residia com sua família.

No Brasil, a realidade cigana não é diferente. Desde que chegaram de Portugal em meados do século XVI, os grupos ciganos vivem à margem da sociedade, sendo associados à violência e excluídos por supostamente pertencerem a uma raça inferior propensa à vadiagem (BORGES, 2007). Em pleno ano de 2012, moradores de um bairro de Feira de Santana na Bahia, atearam fogo em barracas de uma comunidade cigana. Casos dessa natureza estão longe de serem isolados, pois, na atualidade, os ciganos são apontados como uma das minorias que mais sofre preconceito (KULISH, 2009).

As práticas sociais de exclusão e violências contra os ciganos são consubstanciadas pelas imagens negativas legitimadoras construídas sobre essa minoria social. Tanto que, o principal dicionário da língua portuguesa, o Houaiss, traz definições pejorativas para o termo “cigano”: “aquele que trapaceia”, “velhaco”, “burlador”; ou ainda, como “aquele que faz barganha” e “apegado ao dinheiro, agiota, sovina”. Como sabemos, as representações dos grupos construídas nos livros, na mídia e em outros canais de difusão de informação têm enorme impacto nas práticas sociais de exclusão e violência contra os membros desses grupos (MOSCOVICI, 2003).

O ódio contra os ciganos alimenta uma das poucas formas de racismo que permanece incólume ao “politicamente correto”, atuando ainda hoje de modo explícito na sociedade. A violência contra esta minoria social é contínua e ocorre tanto no “atacado” quanto no “varejo” das relações entre grupos.

Na psicologia social, muitas teorias foram elaboradas para explicar esses fenômenos. A questão-chave nessas teorizações é: o que faz com que as pessoas agridam e marginalizem outras? Com esses questionamentos, surgiram os primeiros estudos sobre a desumanização, tida como um dos mecanismos que justificam e legitimam a violência. Não obstante o avanço teórico da psicologia social nos estudos sobre desumanização das minorias na Europa e nos Estados Unidos, no Brasil o interesse psicossocial pelo tema tem apenas uma década (LIMA, 2002). No caso específico dos ciganos, não encontramos na literatura da psicologia nacional nenhum estudo sobre a desumanização desse grupo.

Nesta pesquisa analisamos a desumanização dos ciganos em Sergipe, considerando o fato de morar perto ou longe de comunidades ciganas fixas como um

importante elemento nas imagens desumanizadoras construídas sobre essa categoria social.

A desumanização e outros processos de exclusão apóiam-se na categorização social e no essencialismo psicológico. A categorização social permite reunir objetos, pessoas ou acontecimentos sociais em grupos “que são equivalentes no que diz respeito às acções, intenções e sistemas de crenças do indivíduo” (TAJFEL, 1982, p. 288-289). Enquanto que, a essencialização psicológica, de modo geral, seria a tendência a agir e pensar como se todas as coisas possuíssem algo intrínseco que as tornam o que são (MEDIN, 1989). Sendo assim, as pessoas são separadas em grupos: o endogrupo (o grupo do qual o indivíduo faz parte) e o exogrupo (grupo que inclui todos os “outros”). O grupo dos “outros” seria estereotipado de acordo com a essência que lhe fosse atribuída. É assim que a categorização se torna um dos suportes cognitivos do preconceito e da desumanização (TAJFEL, 1978).

A desumanização, segundo Bar-Tal (1989), consiste em categorizar um grupo como desumano, por percebê-lo como subumano ou como seres inferiores e animais; ou ainda por considerá-lo como supra-humanos muito negativos, tais como demônios e monstros. Para o referido autor, essas duas formas de categorização implicam na percepção de que o outro possui traços diferentes daqueles que a raça humana possui: traços diferentes e inaceitáveis para determinada sociedade. A desumanização seria uma forma de deslegitimação, que consiste em categorizar negativamente grupos sociais de modo que seus membros são vistos e rotulados como desviantes (BAR-TAL, 1989). Uma das funções da desumanização e da deslegitimação é justificar exploração ou massacres de grupos ou ainda fazer com que endogrupos em situações de competição material ou simbólica se sintam superiores. Bar-Tal (1989) afirma que a maioria dos casos de genocídio se apóia nesses fenômenos.

Outra forma de desumanização é a exclusão moral. Tal fenômeno ocorre quando indivíduos ou grupos são percebidos à margem da sociedade e, por isso, valores morais, regras e noções de igualdade ou equidade não são aplicáveis a eles (OPOTOW, 1990). Os excluídos não são percebidos como indivíduos (BUFFA; PAULI-TEIXEIRA; ROSSETTI-FERREIRA, 2010). Assim, a violência contra eles não é percebida como violência, pois se torna aceitável e legítima. Opotow (1990) afirma que há níveis de exclusão moral, podendo variar entre a mais “sutil” e a mais “severa”. A exclusão moral severa inclui violação consciente e deliberada dos direitos humanos do exogrupo, inquisições e genocídios. A “sutil” diz respeito à dificuldade do endogrupo perceber sofrimento e privação do exogrupo como desmerecidos. O “outro” inexistente ou é invisível, não produzindo, nas consciências dos dominantes, preocupação moral, compaixão ou arrependimento em relação ao seu sofrimento.

A demonização é outro tipo de desumanização frequente e também se fundamenta no essencialismo. Young (2002) a coloca como uma das formas de se culpar os “outros” marginalizados pelos problemas da sociedade. Simplesmente, culpabiliza-se a essência que os membros excluídos supostamente possuem por qualquer tipo de criminalidade. Para Reguera (2008), o endogrupo é enxergado como detentor de uma essência boa, enquanto que o exogrupo é estigmatizado com uma essência má. Com a demonização surge a necessidade de se destruir esse “mal” ou afastá-lo. É neste cenário que a noção

de guerra entre o bem e o mal se configura como um mecanismo político para destruir ou marginalizar determinado exogrupo.

Entretanto, nem sempre os instrumentos de marginalização social operam de maneira flagrante. Em meio às políticas antirracistas adotadas há algumas décadas, o preconceito se manifesta de maneira mais “sutil” (MEERTENS; PETTIGREW, 1999), embora não menos excludente e violenta. A versão mais “sutil” da desumanização é denominada de infra-humanização.

A infra-humanização é marcada por uma hierarquia de grupos em que um se considera mais humano que outro. A lógica é do tipo: “não é que os outros sejam piores, nós é que somos melhores”. Nesses casos, um dos grupos afirma possuir uma série de características que outro possui menos ou não tem. Assim, pode-se infra-humanizar as pessoas e grupos negando seus sentimentos (LEYENS et al., 2000), sua cultura (LIMA, 2002; MOSCOVICI; PÉREZ, 1999) e seus valores (STRUTCH; SCHWARTZ, 1989).

Haslam (2006) propõe a existência de dois sentidos de humanidade – e consequentemente de desumanidade – em seus estudos. Este autor afirma que para ser considerado humano deve possuir *características unicamente humanas* (UH) ou ainda *características de natureza humana* (NH). As primeiras características são aquelas que refletem socialização, moralidade, cultura, refinamento e aprendizagem, podendo, portanto, variar de acordo com cada cultura e sociedade. Enquanto que características de natureza humana têm relação com disposições biológicas e com elementos inatos e imutáveis compartilhados por todos os seres humanos obrigatoriamente como, por exemplo, sentir e expressar emoções. Quando características UH são negadas a determinado grupo, acontece a desumanização do tipo *animalização* e a negação de características NH propicia outra forma de desumanização proposta pelo autor: a *mecanização*.

Em suma, as formas de desumanização propostas podem, em maior ou menor grau, ser utilizadas para promover a exclusão social. Uma vez desumanizadas, as vítimas em potencial já não são consideradas como pessoas com sentimentos, esperanças e preocupações, e sim como objetos subumanos, ‘selvagens’, ‘animais’, (...), ou ainda como detentoras de características demoníacas ou bestiais. É mais fácil maltratar alguém quando o consideramos com esses termos. Desta forma o processo de desumanização poderia ser um ingrediente essencial na realização da maldade (CASTILLO et al., 2008).

A percepção da diferença entre grupos é um dos vetores explicativos da desumanização, pois estabelece uma espécie de barreira entre os sujeitos, que mesmo residindo próximo sentem-se distantes ou até mesmo ameaçados (GÓMEZ-BERROCAL; NAVAS, 2000). Processos desse tipo podem estar altamente relacionados com a distância geográfica ou a distância afetivo-simbólica. Na sociologia, Simmel (1950) afirma que o estrangeiro é aquele que está longe e ao mesmo tempo perto, ou seja, mesmo estando próximo fisicamente, ainda há distanciamento entre ele e os outros. O lado negativo dessa interação é que suas necessidades e opiniões não são levadas em conta, pois há uma espécie de desconexão entre o estranho/estrangeiro e a sociedade.

Allport (1954), por sua vez, ao estudar preconceito afirmou que este surgiria da falta de contato com o grupo estigmatizado; o que o levou a formular a Hipótese do

Contato. Para ele o preconceito pode se reduzir quando o exogrupo e o endogrupo são postos em situação de interação atendendo a certas pré-condições, tais como o apoio social e institucional, o contato frequente e de qualidade, o status de equidade (ou estatuto de igualdade) e a condição de cooperação (ver BROWN, 1995 para uma revisão). Todavia, como verificam Triandis e Vassiliou (1967), quando estas condições ideais não são cumpridas, o contato pode acirrar o conflito entre os grupos e desumanização.

Neste estudo procuramos analisar se o contato maior ou menor com os ciganos, entendido como morar perto ou longe do grupo, tem efeitos na desumanização dessa categoria social. Com base no estudo de Triandis e Vassiliou (1967), que observam que o contato pode produzir maior percepção de ameaça, a nossa hipótese principal prevê que um maior contato produzirá mais desumanização dos ciganos, sobretudo, deslegitimação e exclusão moral.

## **Método**

### *- Participantes*

Participaram da pesquisa 300 pessoas não ciganas de quatro cidades de Sergipe: Japoatã (60 entrevistados), Umbaúba (56), São Cristóvão (37) e Aracaju (147). Como pretendíamos efetivar comparações referentes à percepção dos ciganos por pessoas que moram perto e que moram longe destes, o critério de escolha das cidades foi baseado na existência ou não de comunidades ciganas fixas. Sendo assim, para representar a amostra dos entrevistados que moram próximo aos ciganos, fomos às cidades de Japoatã, Umbaúba e São Cristóvão, enquanto que Aracaju foi a cidade onde entrevistamos as pessoas que moram distantes do grupo.

Dentre os participantes que moram perto: 60,7% são mulheres; as idades variaram de 18 e 83 anos ( $M = 35.2$ ;  $DP = 15.2$  anos); 3,3% eram analfabetos; 32,7% tinham cursado o ensino fundamental; 50,7% o ensino médio e 11,3% o superior, havendo ainda 2% com pós-graduação. A renda familiar aproximada dos participantes situou-se entre menos de um salário a 10 salários mínimos de renda familiar mensal. Sendo que 43,8% recebem até 1 salário mínimo. Todos afirmaram já terem visto ciganos. 82,4% já conversaram com ciganos, 69,3% não tem amizade com ciganos e 75,2% não fazem negócios com ciganos. Dentre os participantes que moram longe: 61,9% são mulheres, as idades variaram de 18 a 61 anos ( $M = 28.5$ ;  $DP = 11$  anos), não havia entrevistados analfabetos, 3,5% tinham cursado o ensino fundamental, 17,8% ensino médio e os outros 78,7% nível superior a renda variou de 1 a 40 salários mínimos, sendo que 22,8% recebem entre 1 e 3 salários, 32,4% entre 3,1 e 6 salários, 44,8% acima de 6 salários, 8,3% dos entrevistados não informaram a renda. 94,6% dos participantes já viram um cigano, 48,3% já conversaram com ciganos, 93,9% não tem amigos ciganos e 93,2% nunca fizeram negócios com ciganos.

### *- Instrumento, Procedimentos e Aspectos Éticos*

Foi realizada uma entrevista estruturada. Perguntávamos sobre as imagens que os entrevistados têm dos ciganos, sobre o que já ouviram falar sobre eles. Os participantes eram abordados em suas casas ou na rua. A amostra foi aleatória e todos os participantes receberam um Termo de Consentimento Livre-Esclarecido, seguindo todos os procedimentos para ética na pesquisa com seres humanos expostos na Resolução CNS 196/96; tendo sido o projeto aprovado pelo Comitê de Ética na Pesquisa da UFS, protocolo nº 211/2010.

Para análise das questões abertas adotamos os procedimentos sugeridos por Bardin (1977). As estatísticas descritivas e inferenciais foram feitas através do software SPSS.

### **Resultados e Discussão**

Pedimos aos entrevistados que dissessem o que (imagens, pensamentos, sentimentos) lhes vinham à cabeça quando ouviam a palavra “ciganos”. As palavras anotadas na associação livre foram agrupadas em categorias (ver Tabela 1). As categorias mais freqüentes foram: Nomadismo (85), Misticismo (55), Crimes (52), Vestimentas (46), Briguentos (38), Religião diferente (37), Língua diferente (37), Vagabundos (36), Emoções negativas (35), Trambiqueiros (34), Dança (32), sem sentimentos (27), dentre outras<sup>3</sup>. Enunciações positivas são periféricas na representação social construída sobre os ciganos.

Nesta questão aparecem ao menos 255 (37.1%) respostas que apontam aspectos culturais como nomadismo misticismo, vestimentas, cultura/tradição, festividades e língua, sendo mais preponderantes para pessoas que moram longe de ciganos (184 das respostas, ou seja, 72.1%). Aspectos negativos sobre os ciganos também são apontados em 230 (33.7%) respostas em que os ciganos são apontados como criminosos, desonestos, briguentos, agiotas, nojentos, cruéis etc. Havendo também respostas que expressam emoções negativas como “medo”, “raiva” e “tristeza” de pessoas que moram longe e principalmente de pessoas que moram próximo aos ciganos.

Quando agregamos as respostas que indicam desumanização dessa categoria social verificamos uma clara diferença entre os que moram perto e o que moram longe. 26.7% das respostas destes últimos são desumanizadoras contra 47.2% das respostas dos primeiros. Observamos ainda que a deslegitimação (e.g., sujos, medo, descontrolados etc.) e a exclusão moral (e.g., criminosos, vagabundos, trambiqueiros, cruéis etc.) são as formas prevalentes de desumanização na representação formada sobre

---

<sup>3</sup> Respostas de pouca frequência, ou seja, que apenas um entrevistado a mencionou, foram agrupadas na categoria “Outros”, tais como: “não pensam no futuro” (1), “ousados” (1), etc., somando 24 respostas no total.

os ciganos. Estes resultados confirmam a hipótese geral deste estudo. Para os que moram longe, a visão dominante se objetiva em categorias como misticismo, festividades, leitura de cartas/mãos, nomadismo e vestimenta.

Além da desumanização verificada há outros conteúdos representacionais que sinalizam a percepção de diferença e distanciamento entre ciganos e não ciganos, o que torna difícil a interação entre os dois grupos e ampliam a estereotipia negativa, como propõe a hipótese do contato de Allport (1954).

**Tabela 1.** Quando você ouve a palavra "ciganos", o que é que você pensa primeiro?

<b>Enunciações</b>	<b>f. Perto</b>	<b>f. Longe</b>	<b>T.</b>
<b>Nômades</b> , movimentação, deslocamento, tenda, cabana	18	67	85
<b>Misticismo</b> , maldição, bruxos, rituais, cartas, búzios, amaldiçoar, ler mão, mistério	8	47	55
<b>Crimes</b> , ladrões, roubo, bandagem, criminoso, tráfico, drogas, morte, matador	37	15	52
Mulher com vestido, <b>vestidos</b> , lenços, roupas diferentes	9	37	46
<b>Briguentos</b> , gostam de lutar, brigas, encenqueiros, valentes, corajosos	34	4	38
<b>Religião diferente</b> , tradição	27	10	37
Língua diferente, modo de falar, <b>diferentes</b> , não são brasileiros	33	4	37
<b>Vagabundos</b> , despreocupados, sem compromisso, não pensam no futuro	13	23	36
Medo, raiva, tristeza, não gosto, <b>odeio</b>	24	11	35
<b>Trambiqueiros</b> , enganador, fraude, charlatão, mentiroso, mentira, malandro	13	21	34
<b>Dança</b>	1	31	32
Sem sentimentos, sem coração, <b>cruéis</b>	18	9	27
Ricos, dinheiro, <b>agiotas</b> , empréstimos, ambiciosos	10	11	21
É uma tribo, <b>raça diferente</b> , povo, conjunto de povos	10	10	20
Liberdade, <b>livres</b> , vivem livres, alegria, <i>hippies</i>	2	17	19
Seres humanos, <b>iguais a nós</b> , pessoas como nós	13	2	15
Desconfiança, não confiar, atenção, <b>não tem modos</b>	4	10	14
No seu canto, <b>distância</b> , não gostam de se misturar, egocêntricos	11	1	12
<b>Pessoas unidas</b> , família, se ajudam,	5	6	11
<b>História, passado</b> , identidade, Hungria, Egito	5	6	11
Pessoas não bem aceitas, <b>marginalizados</b>	3	7	10
<b>Bonitos</b> , Cabelos lisos, coisa boa	6	4	10
<b>Nojentos</b> , sujos, maltrapilhos, mal vestidos	2	2	4
Relacionamento que tive, minha avó	1	1	2
Filme <i>Snatch</i> - Porcos e diamantes	0	2	2
Outras respostas (não categorizáveis ou tautológicas)	--	--	24
Total	307	356	687

A visão muito negativa desta categoria social se confirma quando perguntamos “O que você já ouviu falar sobre ciganos?”. De um total de 493 respostas, 348 (70.6%) atribuem aspectos negativos aos ciganos: associação a assassinatos, roubo e brigas; atribuição de traços desumanizadores como “coisa ruim”; e “É um bicho bom, mas não mexam com eles porque são bicho brabo”. Tais categorizações pejorativas se assemelham também ao processo de deslegitimação (BAR-TAL, 1989) assim como à animalização (HASLAM, 2006), pois colocam os ciganos como criaturas violentas, agressivas e perigosas (ver tabela 2). Outras respostas negativas também se baseiam na imagem popular dos ciganos passada de geração em geração como “Pessoas não confiáveis” que a qualquer momento podem fazer mal, “Mal-educados” caracterizando o cigano como alguém que não respeita os demais, “Gostam de jogar praga” e “Preguiçosos”, categorias desqualificadas socialmente.

Nessa questão houve ainda a presença de respostas que se referissem a aspectos culturais ou ainda a aspectos positivos dos ciganos. Assim como na associação livre, mais pessoas quem moram longe ouviram falar sobre aspectos mais pitorescos em relação aos ciganos.

Também vemos que há igual frequência entre as pessoas que moram perto e as que moram longe com relação à categoria “percepção de diferença”. O cigano é visto um “ser humano com raça diferente” ou mesmo como alguém que é perigoso e, por isso, é necessário afastamento tanto físico quanto afetivo. Isto nos faz questionar qual o tipo e a qualidade de contato que são mantidos entre ciganos e não-ciganos que moram na mesma região/bairro (BROWN, 1995) e seu papel na manutenção dos mecanismos de desumanização vistos até então.

Demais categorias significativas foram agrupadas como “traços de personalidade”, que apontavam características atribuídas aos ciganos de modo geral como “insistentes” e “vaidosos”, de modo que as essencializam nos membros do grupo. A crença na riqueza dos ciganos também aparece nas respostas, muitas vezes, associada implicitamente ao roubo. Os participantes respondiam que embora os ciganos não trabalhassem, tinham tudo de bom e do melhor. Crença que também vem desde o fim da Idade Média na Europa e perpetua até os dias atuais. Tal imagem infra-humaniza a cultura e os valores desse povo, mantendo-os invisíveis e excluídos moralmente em termos de políticas públicas por ignorância de suas necessidades e de seus direitos humanos (OPOTOW, 1990).

**Tabela 2.** Frequências das respostas à pergunta sobre o que os participantes já ouviram falar sobre os ciganos.

<b>Categorias</b>	<b>Exemplos</b>	<b>f perto</b>	<b>f Longe</b>	<b>f Tot</b>
Associação do cigano a roubo	- Eles roubam. - Que cigano é ladrão	102	94	196
Associação a assassinatos e brigas (entre si e com não ciganos)	- Se brigar, eles matam. - É um mata-mata entre eles.	57	22	79
Traços negativos e desumanizadores	- Eles não prestam, não valem nada. - É um bicho bom, mas não mexam com	23	13	36



	eles porque são bicho brabo - Cigano é coisa ruim -São impulsivos. Traíçoeiros. - Eles fazem o mal			
Não são confiáveis	-Não pode ter confiança com cigano não. Tem que ter cuidado com eles.	3	10	13
Preguiçosos	- Não gostam de trabalhar. São preguiçosos.	3	5	8
Droga/Fumam	-Que eles usam droga. -Fumam	5	0	5
Gostam de jogar praga	- Que eles amaldiçoam as pessoas -Que eles gostam de jogar praga.	1	1	2
Pidões	- Que são pidões	2	0	2
Tribos	- São uma tribo	1	1	2
Mal-educados	- São mal-educados. Não respeitam.	1	1	2
Falam mal deles	- As pessoas falam mal deles. Dizem coisa ruim.	1	2	3
Boas pessoas	-Que os ciganos são gente boa. - Eles são boas pessoas.	2	1	3
Traços culturais	- Que se casam entre si. - Que são nômades	14	28	42
Atividades que executam: negócios, leitura de mão	- Eles vendem e trocam. - Eles lêem mão.	12	27	39
Não trabalham	- Que eles não trabalham	3	0	3
União entre os ciganos	- Eles são muito unidos entre eles.	2	1	3
Percepção de diferença	- Eles são diferentes, estranhos.	7	7	14
Não se misturam	- Eles não gostam de se misturar.	5	0	5
Tribos	- São uma tribo	1	1	2
Riqueza	- São ricos. São bem de vida	5	9	14
Pessoas desinformadas	- São desinformados. - Que eles não estudam	2	1	3
Tem quem falem bem, tem quem fale mal.	-Depende. Tem quem fale bem, tem quem fale mal dos ciganos.	5	0	5
Traços físicos	- São bonitos. São morenos.	1	1	2
Traços de personalidade	- São persistentes - São vaidosos, ambiciosos, desconfiados.	1	9	10
Total		259	234	493

Vale ressaltar que além das categorias expostas, houve 6 respostas de pouca frequência como “aventureiros”, “história”, “vida mais natural”, “sempre tive vontade de conhecer”, “falam errado” e “eles são cristãos, casam na Igreja”.

Em outra questão que abordava a percepção de semelhança ou de diferença entre ciganos e não ciganos, observamos que 247 entrevistados se sentem diferentes ou muito diferentes dos ciganos (129 moram longe e 118 perto), enquanto 49 afirmaram se sentir parecidos ou muito parecidos (17 moram longe e 32 perto).

Podemos ver que a grande frequência (83.4%) das respostas válidas, considerando todos os entrevistados, remete a percepção da diferença entre si e os ciganos. Entretanto, também verificamos que apesar das frequências entre não ciganos que moram perto e longe serem similares, maior é o número de não ciganos que moram perto que afirmaram se sentir parecidos com ciganos. Assim, observamos através de uma análise

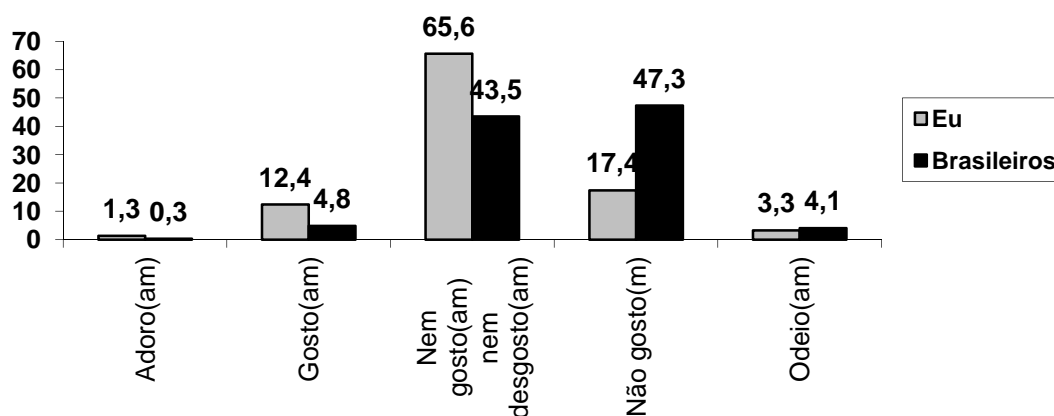
de variância (ANOVA) uma tendência para uma maior percepção de diferença por parte dos não ciganos que moram longe dos que moram perto  $F(1, 295) = 2.84, p = .09$ .

Isto implica afirmar que o contato proporcionado entre não ciganos e ciganos ainda pode afetar essa variável, demonstrando sua importância para minimizar o preconceito.

Além das questões de percepção de diferença, questionamos os participantes se estes sentiam que os brasileiros em geral gostavam ou não dos ciganos utilizando uma escala *Likert* de cinco pontos. Obtivemos o resultado de que 0.3% adora, 4.8% gostam 43.5% nem gostam nem desgostam, 47.3% não gostam e 4.1% odeiam.

Ao perguntarmos na questão seguinte como os respondentes pessoalmente se sentem em relação aos ciganos, as respostas foram: 1.3% adoram, 12.4% gostam, 65.6% nem gostam nem desgostam, 17.4 não gostam, 3.3% odeiam (ver Figura 1).

**Figura 1.** Percentagens do sentimento de gostar dos ciganos atribuído pelos participantes a si mesmo e aos outros brasileiros



Considerando esses resultados para perto e longe, as médias apresentaram-se similares (3.4 para perto e 3.6 para longe) tendendo a classificar que os brasileiros, em geral, têm uma atitude negativa em relação aos ciganos. Enquanto que as médias dos próprios participantes giraram em torno de 3 e 3.1 para perto e longe respectivamente, demonstrando uma atitude de indiferença em relação a comunidade cigana.

Desse modo, há uma dissonância entre as crenças coletivas e as crenças pessoais apresentadas, já que as pessoas em geral quando questionadas diretamente tendem a se colocarem como neutras ou serem indiferentes aos ciganos, enquanto que acreditam que os brasileiros não gostam dos ciganos.

### Considerações Finais

O objetivo desse estudo foi analisar a desumanização dos ciganos em Sergipe, considerando a distância física entre os entrevistados e comunidades ciganas fixas como um importante elemento nas imagens desumanizadoras.

Os resultados revelam um misto de indiferença e expressão de preconceito, tanto o âmbito pessoal quanto social. O preconceito é demonstrado através da atribuição de estereótipos negativos que são inaceitáveis para a sociedade como a associação ao roubo e à malandragem. Tais estereótipos são baseados nas imagens construídas sobre os ciganos durante o seu histórico marcado de perseguições

Devido à atribuição de traços socialmente inaceitáveis (como assassinos, ladrões, etc.) e de traços de natureza (impulsivos e agressivos) aos ciganos, podemos perceber a presença dos processos de deslegitimação e de animalização mesmo nos dias atuais. Além disso, notamos o desprezo à cultura cigana e aos seus valores, que são anulados ou deslegitimados, ao serem comparados com a cultura dominante. A percepção do sedentarismo como uma “evolução” ou a percepção das vestimentas ciganas serem extravagantes para alguns dos entrevistados, revela essa desvalorização da cultura cigana. Assim como uma demarcada percepção de diferença entre ciganos e não ciganos de modo geral.

Podemos também verificar que mesmo aqueles que moram perto dos ciganos mantêm uma série de estereótipos sobre o grupo cigano, o que demonstra a importância de uma melhoria da qualidade do contato existente entre ciganos e não ciganos. Caso contrário, o contato entre os dois grupos pode gerar conflito de interesses e colocá-los em situação de competição por recursos, fazendo com que novos estereótipos surjam e os antigos se mantenham.

É importante referir, no entanto, que os resultados obtidos dos que vivem longe dos ciganos podem ter sido influenciado não apenas pela distância do grupo, mas também pelo nível de escolaridade elevado desses participantes.

Em suma, diferentemente de outras formas de preconceito contra outras minorias sociais, o preconceito contra os ciganos demonstrado nesse estudo manifesta-se de modo flagrante, tanto para quem mantém contato mais próximo (mora perto) quanto para quem mora distante dessa categoria social. Esses dados, como explicitado anteriormente, demonstram a necessidade políticas públicas e de intervenção psicossocial no sentido de combater o estereótipo generalizado (“cigano ladrão”, “cigano assassino”, “cigano violento” etc.) que enquanto forma de desumanização do grupo, chancela ou legítima violência contra ele e valorizar do modo de vida cigano.

Submissão: dez/2012

Aceite: dez/2012

### **Bibliografia**

ALLPORT, G.W. **The nature of prejudice**. Cambridge, Massachusetts: Addison-Wesley Publishing Co., Inc., 1954/1979.

BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. Lisboa: Ed 70, 1997.

BAR-TAL, D. Delegitimization: The extreme case of stereotyping and prejudice. In: BAR-TAL, D; GRAUMAN, C.F; KRUGLANSKI, A.W; STROEBE, W. (Eds) **Stereotyping and prejudice: changing conceptions** (p. 169-182). New York: Springers-Verlay, 1989.

BORGES, I.C.M.M. **Cidades de Portas Fechadas: A Intolerância Contra os Ciganos na Organização Urbana na Primeira República**. Dissertação (Mestrado em História). Universidade Federal de Juiz de Fora, Minas Gerais, 2007.

BROWN, R. **Prejudice – Its Social Psychology**. Blackwell: Oxford UK & Cambridge USA, 1995.

CASTILLO, M.N.Q et al. La maldad. In: MORALES-DOMINGUEZ, J.F; HUIXI Casal, C ; GOMEZ-JIMENEZ, A. **Método, teoría e investigación en Psicología Social**. Madri: Pearson-Educacion, 2008.

GÓMEZ-BERROCAL, C; NAVAS, M. Predictores del prejuicio manifiesto y sutil hacia los gitanos. **Revista de Psicología Social**, v.15, n.1, p.3-30, 2000.

HASLAM, N. Dehumanization: An Integrative review. **Personality and Social Psychology Review**, v.10, n.3, p.252-264, 2006.

KULISH, N. Tempos difíceis geram onda de violência contra ciganos na Europa. Disponível em:

<[http://www.direitoshumanos.etc.br/index.php?option=com\\_content&view=article&id=1389:tempos-dificeis-geram-onda-de-violencia-contraciganos-na-europa&catid=54:internacional&Itemid=241](http://www.direitoshumanos.etc.br/index.php?option=com_content&view=article&id=1389:tempos-dificeis-geram-onda-de-violencia-contraciganos-na-europa&catid=54:internacional&Itemid=241)>. Acesso em: 15 de janeiro de 2010.

LEYENS, J-P et al. The Emotional Side of Prejudice: The Attribution of Secondary Emotions to Ingroup and Outgroup. **Personality and Social Psychology Review**, v. 4, n. 2, p.186-197, 2000.

BUFFA, C.G.; PAULI-TEIXEIRA, S.C. de; ROSSETTI-FERREIRA, M.C. Vivências de exclusão em crianças abrigadas. **Psicologia: Teoria e Prática**, v.12, n.2, p.17-34, 2010.

LIMA, M.E.O. **Normas Sociais e Racismo: Efeitos do Individualismo Meritocrático e do Igualitarismo na Infra-humanização dos Negros**. Tese (Doutorado em Psicologia). Instituto Superior de Ciência do Trabalho e da Empresa, Lisboa, 2002.

MEDIN, D.L. Concepts and conceptual structure. **American Psychologist**, n.44, p. 1469-1481, 1989.

MEERTENS, R.; PETTIGREW, T.F. Será o racismo sutil mesmo racismo? In: VALA, J (Org). **Novos racismos: Perspectivas Comparativas**. Celta editora: Oeiras, 1999.

MOONEN, F. **Anticiganismo: Os ciganos na Europa e no Brasil**. Recife: Núcleo de Estudos Ciganos, 2008.

MOSCOVICI, S. **Representações sociais: investigações em psicologia social**. 3ª ed. Petrópolis: Vozes, 2003.

MOSCOVICI, S.; PÉREZ, J.A. A extraordinária resistência das minorias à pressão das majorias: o caso dos ciganos em Espanha. In: Vala, J (Org). **Novos racismos: Perspectivas Comparativas**. Celta editora: Oeiras, 1999.

OPOTOW, S Moral Exclusion and Injustice: An Introduction. **Journal of Social Issues**, v.46, n.1, p. 1-20, 1990.

PEREIRA, A.C. Cinco países da UE expulsaram ciganos romenos. Público, Lisboa, 28 de out de 2010. Disponível em: < [http://www.publico.pt/Sociedade/cinco-paises-da-ue-expulsaram-ciganos-romenos\\_1452941](http://www.publico.pt/Sociedade/cinco-paises-da-ue-expulsaram-ciganos-romenos_1452941) >. Acesso em: 30 de março de 2012.

PÉREZ, J.A; ALONSO, A.R; FERRULO, B.C. **Endogamia y Família consanguínea extendida em el pueblo gitano: estudos históricos y experimentales**. Valência: Mari Montañana, 1999.

REGUERA, G.B. De La demonización al racismo (sobre la deshumanización del otro). **Criterio Jurídico**, v.8, n.2, p, 9-24, 2008.

SIMMEL, G (1950). The stranger. In: Wolff, K. **The Sociology of Georg Simmel**. New York: Free Press, p. 402-408, 1950.

STRUTCH, N.; SCHWARTZ, S.H. Intergroup aggression: Predictors and instinctiveness from ingroup bias. **Journal of Personality and Social Psychology**, v.56 n.3, p. 364-373, 1989.

TAJFEL, H. Social categorization, social identity and social comparison. In: H. Tajfel (Ed.). **Differentiation between social groups: studies in the social psychology of intergroup relations**, London, Academic Press, 1978.

TAJFEL, H. Categorização social, identidade social e comparação social. In: H. Tajfel. **Grupos humanos e categorias sociais**. Lisboa: Livros Horizonte, v.I, 1982.

TRIANDIS, H.C.; VASSILIOU, V. Frequency of contact and stereotyping. **Journal of Personality and Social Psychology**, v7, p. 316-328, 1967.

YOUNG, J. **A sociedade excludente: Exclusão social, criminalidade e diferença na modernidade recente**. Rio de Janeiro: Revan: Instituto Carioca de criminologia, 2002.